

Impacto dos programas de Educação para o Empreendedorismo no aumento da Intenção Empreendedora

O caso do CEBT Ibérico

Raposo, Mário

Management and Economics Department
University of Beira Interior and NECE – Research Center in
Business Science
Covilhã, Portugal
mraposo@ubi.pt

Madeira, Maria José

Management and Economics Department
University of Beira Interior and NECE – Research Center in
Business Science
Covilhã, Portugal
maria.jose.madeira@ubi.pt

Nave, Edgar

Management and Economics Department
University of Beira Interior
Covilhã, Portugal
edgar.nave@ubi.pt

Abstract— Despite several publications over the last years about Entrepreneurship, there is a lack of evidences showing that Entrepreneurial Education (EE) could influence the predisposition to start-up, or at least increase the entrepreneurial intentions (EI). This paper aims to study the main effects of a typical Entrepreneurship Education (EE) program - specially design for Technology-Based Firms of center region of Portugal and Castilla y León in Spain, on EI. The results find in the empirical study that the program have raised the EI of the participants and has proved to be very effective to perceive the risks to venture creation and how to evaluate business ideas. Additionally, enable to instill entrepreneurial mindsets, to gain skills to firm creation and the students empowered their networking and learned to make business plans.

Keywords: *Entrepreneurial Education, Entrepreneurial Intentions, Entrepreneurship, Tecnology-Based Firms*

I. INTRODUÇÃO

O Empreendedorismo é atualmente uma das atividades mais importantes da vida económica moderna, influenciando o crescimento, a empregabilidade e a inovação, onde a criação de novas empresas, vital para qualquer sociedade (Lüthje e Franke, 2002; Gans e Stern, 2003; Guerrero, Rialp e Urbano, 2008; Haase e Lautenschläger, 2011).

Líderes políticos da União Europeia (UE) e vários investigadores da área do empreendedorismo acreditam que uma das formas de fazer crescer os níveis de empreendedorismo é através da criação de programas de Educação para o Empreendedorismo (EE). Landström e

Harirchi (2018) consideram-no mesmo a palavra chave, referindo que decisores políticos o vêem como a solução para vários problemas sociais, enquanto que nas universidades de todo o mundo tem crescido de forma significativa, afirmando-se como campo de estudo. Várias universidades despertaram assim para a temática do empreendedorismo, tornando-se evidente que a EE pode influenciar a predisposição para a criação de *start ups*, bem como influenciar os indivíduos a tornarem-se mais proactivos e empreendedores, nas suas vidas e carreiras profissionais.

O papel do empreendedorismo tem mudado ao longo do último meio século, sendo ampliado a todos os países que o procuram estimular como forma de aumentar a competitividade, tornando-se o verdadeiro motor do desenvolvimento económico e social em todo o mundo. Está associado a grandes aglomerações de empresas, às regras da nova geografia e crescimento económico, a redução da pobreza, sendo um fenómeno de grande retorno social (Ács e Varga, 2005; Audretsch, 2009; Audretsch e Keilbach, 2006; World Economic Forum, 2009).

Davidsson (1995) destaca o cenário experienciado na década de 70, onde as grandes empresas não poderiam empregar muito mais pessoas, virando-se o foco para as pequenas empresas como forma de alcançar o desenvolvimento económico e aumentar a empregabilidade. É desta forma que o empreendedorismo se difunde, alcançando a legitimidade académica e o interesse nas características psicológicas dos criadores de negócios, desenvolvendo-se modelos explicativos

que consideram as características dos empreendedores (Davidsson, 1995; Kuratko e Morris, 2018; Landström e Harirchi, 2018).

Explorando o campo da Intenção Empreendedora (IE), vários estudos e publicações dos últimos anos sugerem que é uma área cada vez mais relevante, quer a nível prático quer a nível académico, considerando que existe grande potencial de investigação para uma melhor compreensão e tomada de decisão em empreender (Fayolle e Liñán, 2014). Bird (1988) qualifica a IE como primordial no processo empreendedor, sendo o primeiro passo em direção à criação de novas empresas. A maioria dos estudos foca-se no modelos teóricos e nos fatores de personalidade dos indivíduos e como podem influenciar a IE, onde se destacam Boyd e Vozikis (1994), Krueger e Brazeal (1994), assim como a Teoria do Comportamento Planeado (TCP) de Ajzen (1991), desenhada para prever e explicar o comportamento humano em contextos particulares. Na sua teoria, Ajzen (1991) mostra que todos os comportamentos requerem um certo planeamento, sendo uma ação racional e planeada, fazendo uso da informação disponível. As intenções são indicadores do nível de esforço que os indivíduos estão dispostos a colocar em prática para realizar um determinado comportamento.

Além disso, a IE prevê que os indivíduos sejam capazes de começar o seu próprio negócio como resultado de fatores contextuais, claramente associados ao planeamento e à intenção comportamental e definidos através da atitude, desejabilidade e viabilidade (Davidsson, 1995; Gatewood, Shaver e Gartner, 1995; Krueger & Brazeal, 1994; Liñán, 2004).

Este artigo tem como objetivo estudar os efeitos de um típico programa de EE especialmente concebido para EBT's – Empresas de Base Tecnológicas, que tem sido implementado ao longo dos últimos anos em universidades da região centro de Portugal e também na região de Castela e Leão, em Espanha. Procura-se conhecer a IE de estudantes oriundos de várias áreas depois da sua participação neste curso e se se reflete na criação de novas empresas, novos e melhores empreendedores numa região transfronteiriça e distânciada dos grandes centros económicos de ambos os países.

Na revisão de literatura, os autores focaram alguns estudos recentes sobre os diferentes efeitos dos programas de EE nas sociedades. O propósito deste artigo é desenvolver uma compreensão como a EE influencia a IE e como pode desempenhar um papel fulcral no aumento da atividade empreendedora. Contudo, subsistem alguns estudos que mostram o contrário, sendo que, a literatura disponível não é totalmente consensual e as dúvidas permanecem relativamente à EE e o seu efeito positivo.

O artigo divide-se em três partes. A primeira parte é feita uma revisão de literatura focalizada nalguns dos estudos mais recentes sobre a temática da EE e os seus efeitos/impactos que produz na sociedade. A segunda parte apresenta-se o caso do CEBT Ibérico – Curso de Empreendedorismo de Base Tecnológico como sendo um programa avançado e categorizado como EE, que procura identificar e trabalhar ideias de negócio emergentes, novas tecnologias e patentes em ambiente académico. Para finalizar, desenvolveu-se um estudo empírico

através da administração de um questionário de forma a captar informação relativamente a IE e que mudanças ocorreram nas percepções, aquisição de competências e planos de carreira relativo aos alunos que frequentaram o CEBT Ibérico. Será que o CEBT Ibérico aumenta a IE?

II. REVISÃO DE LITERATURA

A. Educação para o Empreendedorismo

O papel da EE tem sido fundamental para alcançar o desenvolvimento económico das sociedades, sendo indispensável para responder aos desafios futuros. Liñán (2004) afirma tratar-se duma ferramenta com potencial estratégico, sendo contudo necessário estabelecer delimitações nos seus diferentes tipos. Este campo evoluiu bastante nos últimos 40 anos, começando por surgir nos EUA nos anos 70, disseminando-se pela Europa no final da década de 80 e início da década de 90, tendo um grande potencia de capacitação (Kuratko e Morris, 2018).

Dentro dos objetivos destes programas surge o apoio a iniciativas empresariais através da qualificação indivíduos e equipas (Stamboulis e Barlas, 2014). A EE pode ajudar os países a promover comportamentos e culturas empreendedoras e inovadoras; permitindo mudar mentalidades, aumentar competências e habilidades. Cabe às escolas e universidades preparar os alunos para enfrentar ambientes globalizados em permanente mudança e aos governos influenciar as taxas de empreendedorismo de forma direta (ex.: definindo legislação) ou através da dinamização de sistemas educacionais de empreendedorismo (Oosterbeek, van Praag e Ijsselstein, 2010; Raposo & do Paço, 2011; World Economic Forum, 2009).

Para do Paço, Ferreira, Raposo, Rodrigues e Dinis (2013) a EE desempenha um papel crítico na orientação e no desenvolvimento de futuros empresários, fornecendo-lhes a necessária combinação de conhecimentos, habilidades e aptidões para lançar e operar novos negócios. Também Krueger e Brazeal (1994) afirmam que a EE propicia a iniciação de novos negócios e a IE mais elevada que outros graduados enquanto que Souitaris, Zerbini e Al-Laham (2007) mencionam que os programas de educação levam ao desenvolvimento de posturas e intenções empreendedoras.

Apesar de importante, o efeito da EE ainda não está totalmente claro. Zhang, Duysters e Cloudt (2014) afirmam que não há ainda estudos suficientes para medir o seu impacto, enquanto que von Graevenitz, Harhoff e Weber (2010) e Martin, McNally e Kay (2013) consideram que não está clara a associação entre EE e aumento da IE. Já Haase e Lautenschläger (2011) e Liñán (2004), consideram que se tornou uma área que congrega bastantes estudos e publicações científicas.

Às universidades, cabe o papel de preparar um largo número de estudiosos, oferecendo vários programas a um ritmo acelerado, com o devido reconhecimento, sendo a principal fonte de conhecimento, a base para o ponto de partida e um excelente potencial de ideias (Haase and Lautenschlager, 2011; Martin et al., 2013; von Graevenitz et al., 2010). Também os políticos acreditam que os níveis de crescimento de empreendedorismo podem ser conseguidos através da educação, particularmente

através da EE, sendo implementada nos currículos de escolas dos estados membro da UE (Comissão Europeia, 2012).

O campo científico da EE é caracterizado por uma heterogeneidade de definições, destacando a de Stevensom, Roberts e Gronsbeck (1992) como um processo de criação de valor através de combinações de recursos únicos com o objetivo de capitalizar a oportunidade e a de Kuratko e Morris (2018:5) que caracteriza como “um processo dinâmico de visão, mudança e criação que requer uma aplicação de energia e paixão para a implementação de ideias inovadoras e criativas” e onde Liñán (2004) qualifica como “*lifelong learning*”.

Walter e Block (2016) mencionam que a maioria dos estudos aponta para o efeito positivo entre a EE e IE, contudo há estudos que apontam o contrário, considerando o contexto ambiental e condicionantes dos países. O baixo rigor de alguns estudos, tende também superestimar o efeito da EE (Martin, et al., 2013). Contudo, um programa com boa qualidade e matérias inovadoras é o início para os estudantes estabelecerem novos empreendimentos, permitindo que ganhem habilidades organizacionais, pessoais, de liderança e relações interpessoais (Stamboulis e Barlas, 2014).

A educação especializada em empreendedorismo consciencializa as pessoas para alternativas de carreira, permite expandir horizontes, perceber oportunidades, oferece conhecimentos para desenvolver e explorar novas oportunidades de negócios, procura de recursos económicos, permitindo liderar equipas mais eficientes (Dutta et al., 2011; Sánchez, 2011; Zhang et al., 2014). Um correto programa de EE faz com que os indivíduos possam adquirir competências e conhecimentos necessários para lançar e desenvolver novos negócios, devendo permitir identificar novas oportunidades de negócios, formas de as comercializar e como criar empresas (Nilsson, 2012; Sánchez, 2011).

Nilsson (2012) afirma que é possível educar indivíduos em empreendedorismo e a EE poderá estabelecer mais empresas. O aumento do número de programas de EE por todo o mundo, sugere que de facto o empreendedorismo poder ser ensinado e que não nasce com o indivíduo, desencadeia vários programa e investimento em EE (Huber, Sloof e van Praag, 2014).

B. Aptência e Impacto da Educação para o Empreendedorismo

Apesar do aumento do número de cursos e iniciativas na área do empreendedorismo, ainda suscita algumas dúvidas quanto sua à eficácia no desenvolvimento de competências de empreendedorismo e criação de empresas não tendo sido alcançada uma posição consensual (Liñán, 2004; Martin et al., 2013). Nilsson (2012) identifica as duas correntes: 1) a “yes-scholl” onde o “sim” está associado à ciência e 2) a “no-scholl” onde o “não” é conotado à arte, cuja aprendizagem não é fácil, havendo aspetos no empreendedorismo que podem ser ensinados e outros não.

Guerrero et al. (2008) concluiu que a maior parte dos estudantes universitários considera desejável criar empresas, embora a percepção de viabilidade não seja a melhor. São os estudantes de áreas relacionadas com empreendedorismo, os consideram mais

desejável criar empresas. Maresch, Harms, Kailer e Wimmer-Warm (2016) concluíram que os estudantes de ciências empresariais são mais propensos a adquirir conhecimento de empreendedorismo, apesar dos estudantes de Engenharias/Ciências serem melhor impactados por estes programas, pelo facto de lidarem com a temática pela primeira vez.

Já Souitaris et al. (2007) após a aplicação de um pré-teste e pós-teste concluíram que houve mudança de atitudes, intenções e uma IE mais forte. Dutta et al. (2011) encontrou evidências que a EE tem uma relação positiva com a predisposição de criar empresas no futuro. O mesmo sucede com Martin et al. (2013) que descobriu uma relação positiva entre a EET (*Entrepreneurship Education and Training*) e os ativos de capital humano relacionados com o empreendedorismo e desempenho empresarial, o que representa boas notícias para governos, universidades e escolas que investem regularmente neste tipo de programas.

Para Stamboulis e Barlas (2014) os programas de treino de EE revelam-se no geral, bem sucedidos, promovendo o empreendedorismo baseado no conhecimento, aumentando a taxa de sobrevivência das *start ups*. Estes programas preparam os alunos para a vida empreendedora, conferem uma mentalidade empresarial, capacita-os a criar o próprio emprego, a criar a sua própria riqueza, a criar emprego para os outros e a dar o seu contributo para o mundo (Huber et al., 2014; Kuratko e Morris, 2018). Também Zhang et al. (2014) desenvolveram um estudo em 10 universidade chinesas e o resultado integra a perspetiva dominante: a EE tem um efeito na IE. Lorz (2011) encontrou uma relação positiva em 33 de 41 estudos revistos e Raposo e Paço (2011) no seu estudo conceptual, mostraram que a literatura providencia indicadores positivos entre EE e o aumento de atividade empreendedora.

O estudo de Elert, Andersson e Wennberg (2015) providenciou três resultados: 1) o programa de EE aumentou a probabilidade de os alunos iniciarem uma empresa, 2) a sua participação aumentou os rendimentos de quem decide empreender, contudo 3) a sua participação não teve um aumento significativo sobre a sobrevivência das empresas. Comparando um grupo composto por estudantes de Administração de Empresas, Economia e Engenharia que frequentaram um programa EE e um segundo grupo que não frequentou (mas aprovou o programa comum dos referidos mestrados), Nilsson (2012) concluiu que os que participaram estão mais propensos abrir empresas, a desenvolver melhores negócios e ainda a criar melhores empresas.

De forma oposta, Oosterbeek et al. (2010) realizaram um estudo de um curso de empreendedorismo obrigatório em escolas secundárias aplicado em vários países da Europa. O estudo teve resultados surpreendentes, não tendo o efeito pretendido nas habilidades empreendedoras dos alunos (IE negativa), onde uma das razões avançadas, se relaciona com a aquisição de uma perspetiva mais realista, assim como mudanças na auto percepção que se refletiram nos níveis de habilidade, terem perdido o otimismo ou não terem gostado do programa. Também van Graevenitz et al. (2010) perante a aplicação de um questionário junto de alunos de um curso obrigatório numa

escola de negócios alemã, concluiu que o curso não obteve o efeito pretendido, apesar os alunos terem adquirido bons conhecimentos relativos à área, aprendendo os passos necessários à abertura de uma empresa, reforçando as suas competências de gestão, alcançando bons níveis de *networking*.

Huber et al. (2014) procuraram analisar a efetividade da EE desde cedo através de um programa ministrado em escolas primárias em todo o mundo, chegando à conclusão que o programa não teve o efeito pretendido no conhecimento em empreendedorismo.

III. CEBT IBÉRICO – CURSO DE EMPREENDEDORISMO DE BASE TECNOLÓGICA

O CEBT Ibérico é apresentado como um programa formativo avançado em Empreendedorismo, inserido na categoria dos programas EE, orientado a projetos de empresas de base tecnológica. Este programa integra o projeto INESPO III – Rede de Transferência de Conhecimento Universidade-Empresa, sendo financiado pelo Programa de Cooperação Transfronteiriço INTERREG A V Espanha-Portugal (POCTEP) 2014-2020. É coordenado pela Universidade da Beira Interior, fazendo ainda parte um consórcio composto pelas universidades portuguesas de Coimbra (UC) e Aveiro (UA) e também as universidades de Castela e Leão (Espanha) de Salamanca (USAL), Pontifícia (UPSA), Valladolid (UVA) e León (ULE).

O programa procura a identificação de ideias de negócio emergentes nas universidades, novas tecnologias, novos produtos ou patentes de forma a serem trabalhadas em equipa. Na sua génese está a metodologia inovadora, à base de aconselhamento e consultadoria em três linhas de atuação: 1) Sessões de sensibilização em áreas como Estudo do Mercado, Modelo de Negócios, Estratégia e Marketing, Comunicação e Negociação, 2) Sessões de *Mentoring* e *Coaching* de forma a assegurar o correto acompanhamento e evolução do projeto e dos planos de negócio e para finalizar, 3) Sessão de disseminação e promoção dos projetos. É um curso opcional, gratuito, aberto a toda a comunidade académica que integra a rede INESPO III, onde os projetos são trabalhados em equipas multidisciplinares, com uma boa prevalência de estudantes de Ciências da Saúde, Engenharia e Ciências Económicas/Empresariais.

IV. ESTUDO EMPÍRICO

Os autores usaram o modelo de pesquisa exploratório de forma a examinar o problema ou a situação para obter o necessário conhecimento (Malhotra, 2005). Foi levada a cabo uma pesquisa quantitativa e uma recolha de dados primários através de um questionário disponível em português e espanhol. O questionário (online) foi administrado entre abril e maio de 2018 junto dos estudantes que frequentaram o CEBT Ibérico nas últimas três edições em Portugal (2012, 2014 e 2015) e nas duas últimas em Espanha (2012 e 2014).

1) Caracterização da Amostra

A amostra é composta por 109 inquiridos, dos quais 88 (81,6%) dos questionários são completos são portugueses e 20 (18,4%) em Espanha. 65,1% eram indivíduos do sexo masculino e 34,9% do sexo feminino, onde a maioria das idades quando frequentou o curso estava entre os 25 e 30 anos (37,6%), onde a UBI foi a universidade que registou o maior número de respostas (36,7%). De registar ainda que a maioria dos respondentes provinham da área de Engenharias e Ciências Exatas (43,1%), seguidos de estudantes de Ciências da Saúde e Ciências Económicas/Empresariais com percentagens similares (25,7% e 21,1%). Os restantes eram de Artes e Letras (10,1%).

2) Análise de Dados

Foi testado o efeito do programa comum nas universidades portuguesas e espanholas referidas. 64,2% dos inquiridos considerou que o CEBT Ibérico aumentou a IE ($SD=0,457$). Detalhando por país, também encontramos uma alta relação, 67,5% dos portugueses e 88,2% dos espanhóis afirmaram que o programa aumentou a IE. Relembramos que estamos perante a mesma metodologia em ambos os países e os resultados estão em linha com vários estudos apresentados no artigo.

Adicionalmente, o CEBT Ibérico permitiu aos estudantes (Escala de Likert 5 pontos – Tabela 1): 1) Avaliar conscientemente a sua ideia de negócio ($M=5,30$. $SD=1,35$), 2) perceber os riscos com a criação de um negócio ($M=5,11$. $SD=1,38$) e 3) perceber as dificuldades inerentes à criação de uma empresa ($M=5,02$. $SD=1,35$). Concluiu-se assim que o curso permitiu que os estudantes adquirissem uma mentalidade empreendedora, ganhar competências para criar *start ups*, aprender a realizar planos de negócio e também, reforçar o *networking*.

Por outro lado, o programa de EE não se mostrou eficaz no aumento da atividade empreendedora (Concretizei a ideia de negócio proposta no CEBT: $M=2,80$. $SD=1,94$; concretizei outra ideia de negócio: $M=3,22$. $SD=2,31$). Os resultados também mostraram que os estudantes não ganharam otimismo suficiente para empreenderem ($M=3,28$. $SD=1,80$) e que o curso não foi essencial para determinar a vocação empreendedora dos estudantes ($M=3,96$. $SD=1,68$).

De facto, dentro dos estudantes que responderam que o CEBT aumentou a IE (64,2%), 24,6% já constituíram a sua própria empresa. A maioria dos restantes responderam favoravelmente e pretendem tornarem-se empreendedores: 29% a médio prazo (1-5 anos), 21,7% a longo prazo (>5 anos) e 7,2% a curto prazo (<1 ano).

Os estudantes que compuseram a amostra, consideraram que a carreira empreendedora é atrativa para eles ($M=5,04$. $SD=1,51$) e estão determinados a criar uma empresa no futuro ($M=4,95$. $SD=1,73$). Também concordam que têm em mente todos os passos necessários para criar uma empresa ($M=4,93$. $SD=1,47$) e “em caso de ficarem desempregados, abrir uma empresa é uma opção viável” ($M=4,83$. $SD=1,47$). Adicionalmente, a maior parte dos estudantes discorda com a frase “Empreender não faz parte dos meus objetivos profissionais” ($M=2,81$. $SD=1,81$).

Os estudantes inquiridos partilham o ponto de vista que tornarem-se empreendedores é vantajoso, quando questionados sobre “Tornar-me empreendedor traz-me mais desvantagens

que vantagens” ($M=3,37.SD=1,68$) e uma parte dos

Tabela 1 – Análise de Variáveis		
Variáveis de Controlo	Média	Desvio Padrão
Permitiu-me apurar a minha vocação empreendedora	4,99	1,45
Incutiu-me uma mentalidade empreendedora	4,95	1,49
Ganhar habilidades para criar uma empresa	4,72	1,37
Avaliar conscientemente a minha ideia de negócio	5,30	1,35
Percepcionar os riscos à criação de um negócio próprio	5,11	1,38
Concretizei a ideia de negócio proposta no CEBT	2,80	1,94
Concretizei outra ideia de negócio que não a do CEBT	3,22	2,31
Permitiu-me descobrir a minha vocação empreendedora	3,96	1,68
Os conselhos dos especialistas foram determinantes	4,80	1,43
Não me permitiu ganhar otimismo suficiente para empreender	3,28	1,80
Permitiu-me potenciar o Networking	4,77	1,62
Permitiu-me aprender a realizar Planos de Negócios	4,94	1,55
Permitiu-me percepcionar melhor o risco e as dificuldades inerentes à abertura de uma empresa	5,02	1,35
Não me transmitiu todas as etapas para a criação de um negócio	3,72	1,88
Postura em relação ao empreendedorismo		
Sinto-me preparado para criar um negócio	4,45	1,56
Abrir uma empresa é uma alternativa adequada	4,57	1,71
Tenho em mente todos os passos necessários à consituição de uma empresa	4,93	1,47
No caso de abrir uma empresa, considero-me confiante para obter sucesso	4,77	1,53
Empreender não faz parte dos meus objetivos profissionais	2,81	1,81
Só considero empreender após uma boa experiência profissional	3,94	1,88
Estou determinado a criar uma empresa no futuro	4,95	1,73
O contexto cultural e social não influenciam a minha intenção em empreender	3,54	1,86
No caso de ficar desempregado, abrir uma empresa seria uma opção viável	4,83	1,67
Tenho familiares próximos que têm empresas	4,63	2,13
A minha IE alterou-se com o passar dos anos	4,64	1,68
Tornar-me empreendedor traz-me mais desvantagens que vantagens	3,37	1,68
A carreira empreendedora é atrativa para mim	5,04	1,51

respondentes concordam que o contexto cultural e social não influencia a sua IE ($M=3,54.SD=1,86$).

Foi também aplicado um Independent-Samples Kruskal-Wallis (Não paramétrico) para examinar as diferenças entre os estudantes de diferentes áreas e as suas opiniões sobre o curso através da frequência o curso “Incutiu-me uma mentalidade empreendedora” (Kruskal-Wallis Test=0,032). É possível concluir que há diferenças significativas entre os estudantes de Artes e Letras e, os estudantes de Engenharia e ciências da

Vida/Ciências da Saúde (nível de significância é 0,050 e 0,025, respetivamente). Significa, portanto, que este programa originou diferentes mentalidades empreendedoras em relação à mentalidade dos alunos de artes e letras, considerando os demais alunos de outros cursos.

Examinando as diferenças da IE no género de depois de frequentarem o CEBT, executamos um Independent Sample T-Test. Assumimos a igualdade das variâncias e o Teste Levene ($Sig.=0,358$), não sendo estatisticamente significativa, não encontramos nenhuma evidência entre os géneros no curso ($Sig.=0,633$). Executando o mesmo tipo de teste de forma a encontrar diferenças entre os géneros e “Estou determinado a criar um empresa no futuro”, então o Teste Levene ($Sig.=0,058$) não é estatisticamente significativa (>0.05) e assumimos a igualdade de variâncias. Pode, como tal, concluir-se que há diferenças entre géneros ($t=2.278|Sig.=0.025$) e, neste caso específico os indivíduos do sexo masculino exibem uma IE superior ($M=5,23.SD=1,57$) comparados com os femininos ($M=4,41. SD=1.92$).

Foi também efetuada uma recodificação de variáveis, sendo consideradas as quatro universidades espanholas devido ao facto dessa amostra ser reduzida. Foi efectuado uma Pairwise Comparisons (ANOVA-Não paramétrica) e rejeitou-se a hipótese nula de “Concretizei a ideia de negócio do CEBT” ($Sig.=0,001$), sendo possível concluir que os espanhóis executaram mais ideias de negócios que os estudantes portugueses.

V. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo passava por determinar o impacto do CEBT Ibérico como programa avançado de Educação para o Empreendedorismo (EE) na região Centro de Portugal e Castela e Leão em Espanha. Os autores desenvolveram uma pesquisa de forma a comprovar que a EE tem um efeito direto no aumento da Intenção Empreendedora (IE) nos participantes das últimas edições do CEBT Ibérico e, por outro lado, se foi suficiente para aumentar a atividade empreendedora em ambas as regiões e assim contribuir para um tópico com muito potencial de pesquisa (Fayolle e Liñán, 2014).

Como foi possível comprovar em alguns estudos acima citados, os programas de EE poderão influenciar a predisposição para criar start ups, contudo os estudos disponíveis não são totalmente conclusivos. Neste artigo, os autores reforçam a ideia inicial: o CEBT Ibérico permitiu aumentar claramente a IE dos participantes portugueses e espanhóis (64,6%) como a nossa revisão de literatura também sugere (13 de 16 estudos revistos, concluíram que a EE permitiu aumentar a IE). Além disso, o programa provou ser bastante eficaz e determinante para os alunos aprenderem a avaliar as suas ideias de negócio, sendo um bom contributo para a perceção de riscos e dificuldades no processo de criação de empresas.

Adicionalmente, de forma consensual, o programa permitiu incutir mentalidades empreendedoras nos alunos, obter competências na criação de empresas, aprender como elaborar planos de negócio e também potenciar o *networking*. Todos estes

ganhos estão em consonância com os estudos de Souitaris et al. (2007), Oosterbeek et al. (2010), Raposo e Paço (2011), Haase e Lautenschläger (2011) e Stamboulis e Barlas (2014).

O propósito deste tipo de programas é apoiar iniciativas empreendedoras (Stamboulis e Barlas, 2014), contudo, neste caso, a atividade empreendedora resultante do CEBT Ibérico não se revelou significativa nas duas regiões e a maioria dos participantes não transformou as suas ideias de negócio e tecnologias em *start ups*. No entanto, para a maioria dos participantes, a carreira empreendedora parece ser atraente e uma opção viável para o futuro profissional, estando determinados a criar empresas, essencialmente a médio (1-5 anos) e a longo prazo (> 5 anos), com 29% e 21,7% respetivamente. Ainda assim, 24,6% (de 64,6) já constituíram empresa, sendo possível concluir que os participantes do CEBT Ibérico têm uma postura favorável ao empreendedorismo, aumentando a sua confiança para empreenderem, o seu conhecimento e skills.

A respeito dos géneros desta amostra, os indivíduos do sexo masculino apresentam uma IE superior quando comparados com os femininos. Esta conclusão está também em linha com os estudos de Jiménez-Moreno (2010) e Brush (1992).

A atividade empreendedora é determinante para alcançar bons níveis de performance económica em todas as regiões e países. Os programas de EE são essenciais para estimular novas ideias e modelos de negócio. O Empreendedorismo, como afirmam inúmeros autores, pode efetivamente ser ensinado, e educadores, políticos e universidades devem conjugar esforços para estimular o empreendedorismo através deste tipo de programas, devido ao bom retorno económico e social.

REFERÊNCIAS

- [1] Ács, Z. J., & Varga, A. (2005). Entrepreneurship, agglomeration and technological change. *Small Business Economics*, 24(3), 323–334. <https://doi.org/10.1007/s11187-005-1998-4>
- [2] Ajzen, I. (1991). The Theory of Planned Behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, v. 50(JANUARY 1991), 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- [3] Audretsch, M. Keilbach, E. L. (2006). Entrepreneurship and Economic Growth.
- [4] Audretsch, D. B. (2009). The entrepreneurial society and the role of the University. *Economia Marche-Journal of Applied Economics*, 32(2), 6–16. <https://doi.org/10.1007/s10961-008-9101-3>
- [5] Bird, B. (1988). Implementing entrepreneurial ideas: The case for intention. *Academy of Management Review*, 13(3), 442–453.
- [6] Boyd, N. G., & Vozikis, G. S. (1994). The Influence of Self-Efficacy on the Development of Entrepreneurial Intentions and Actions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18, 63–77. <https://doi.org/10.1080/02640410152475847>
- [7] Brush, C. D. (1992). Research on women business owners: past trends, a new perspective, and future directions. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 16(4), 5–30.
- [8] Comissão Europeia. (2012). Effects and impact of entrepreneurship programmes in higher education. In D.-G. d. E. e. d. Indústria (Ed.). Bruxelas
- [9] Davidsson, P. (1995). Determinants of entrepreneurial intentions. *Education + Training*, 57(8/9), 891–907. <https://doi.org/10.1108/ET-10-2014-0129>
- [10] Díaz-García, M. C., & Jiménez-Moreno, J. (2010). Entrepreneurial intention: The role of gender. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 6(3), 261–283. <https://doi.org/10.1007/s11365-008-0103-2>
- [11] do Paço, A., Ferreira, J. M., Raposo, M., Rodrigues, R. G., & Dinis, A. (2013). Entrepreneurial intentions: is education enough? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(1), 57–75. <https://doi.org/10.1007/s11365-013-0280-5>
- [12] Dutta, D. K., Li, J., & Merenda, M. (2011). Fostering entrepreneurship: Impact of specialization and diversity in education. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 163–179. <https://doi.org/10.1007/s11365-010-0151-2>
- [13] Elert, N., Andersson, F. W., & Wennberg, K. (2015). The impact of entrepreneurship education in high school on long-term entrepreneurial performance. *Journal of Economic Behavior and Organization*, 111, 209–223. <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2014.12.020>
- [14] Fayolle, A., & Liñán, F. (2014). The future of research on entrepreneurial intentions. *Journal of Business Research*, 67(5), 663–666. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2013.11.024>
- [15] Gans, J. S., & Stern, S. (2003). The Product Market and the Market for “Ideas”: Commercialization Strategies for Technology Entrepreneurs by The Product Market and the Market for “Ideas”: Commercialization Strategies for Technology Entrepreneurs by. *Research Policy*, 32(2), 333–350
- [16] Gatewood, E. J., Shaver, K. G., & Gartner, W. B. (1995). A longitudinal study of cognitive factors influencing start-up behaviors and success at venture creation. *Journal of Business Venturing*, 10(5), 371–391. [https://doi.org/10.1016/0883-9026\(95\)00035-7](https://doi.org/10.1016/0883-9026(95)00035-7)
- [17] Guerrero, M., Rialp, J., & Urbano, D. (2008). The impact of desirability and feasibility on entrepreneurial intentions: A structural equation model. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 4(1), 35–50. <https://doi.org/10.1007/s11365-006-0032-x>
- [18] Haase, H., & Lautenschläger, A. (2011). The “Teachability Dilemma” of entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 145–162. <https://doi.org/10.1007/s11365-010-0150-3>
- [19] Huber, L. R., Sloof, R., & Van Praag, M. (2014). The effect of early entrepreneurship education: Evidence from a field experiment. *European Economic Review*, 72, 76–97. <https://doi.org/10.1016/j.euroecorev.2014.09.002>
- [20] Krueger, N. F., & Brazeal, J. V. (1994). Entrepreneurial Potential and Potential Entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 91–104. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1505244>
- [21] Kuratko, D. F., & Morris, M. H. (2018). Examining the Future Trajectory of Entrepreneurship. *Journal of Small Business Management*, 56(1), 11–23. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12364>
- [22] Landström, H., & Harirchi, G. (2018). The social structure of entrepreneurship as a scientific field. *Research Policy*, 47(3), 650–662. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2018.01.013>
- [23] Liñán, F. (2004). Intention-based models of entrepreneurship education. *Piccola Impresa/Small Business*, 3(January 2004), 1–30.
- [24] Lorz, M. (2011). The Impact of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Intention. *School of Management, Economics, Law, Social Sciences and International Affairs*, (3966).
- [25] Lüthje, C., & Franke, N. (2002). Fostering entrepreneurship through university education and training: Lessons from Massachusetts Institute of Technology. In *European Academy of Management 2nd Annual Conference on Innovative Research in Management*, Stockholm (pp. 9–11).
- [26] Malhotra, N. (2005). *Introdução à Pesquisa de Marketing*. Prentice-Hall.
- [27] Maresch, D., Harms, R., Kailer, N., & Wimmer-Wurm, B. (2016). The impact of entrepreneurship education on the entrepreneurial intention of students in science and engineering versus business studies university programs. *Technological Forecasting and Social Change*, 104, 172–179. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2015.11.006>
- [28] Martin, B. C., McNally, J. J., & Kay, M. J. (2013). Examining the formation of human capital in entrepreneurship: A meta-analysis of entrepreneurship education outcomes. *Journal of Business Venturing*, 28(2), 211–224. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.03.002>

- [29] Nilsson, T. (2012). Entrepreneurship Education – Does It Matter? *International Journal of Business and Management*, 7(13), 40. <https://doi.org/10.5539/ijbm.v7n13p40>
- [30] Oosterbeek, H., van Praag, M., & Ijsselstein, A. (2010). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation. *European Economic Review*, 54(3), 442–454. <https://doi.org/10.1016/j.euroecorev.2009.08.002>
- [31] Raposo, M., & do Paço, A. (2011). Entrepreneurship education: Relationship between education and entrepreneurial activity. *Psicothema*, 23(3), 453–457. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72718925018>
- [32] Sánchez, J. C. (2011). University training for entrepreneurial competencies: Its impact on intention of venture creation. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 239–254. <https://doi.org/10.1007/s11365-010-0156-x>
- [33] Souitaris, V., Zerbini, S., & Al-Laham, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22(4), 566–591. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2006.05.002>
- [34] Stamboulis, Y., & Barlas, A. (2014). Entrepreneurship education impact on student attitudes. *International Journal of Management Education*, 12(3), 365–373. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2014.07.001>
- [35] Stevenson, H., M. Roberts, and H.I. Grousbeck (1992). *New Business Ventures and the Entrepreneur*. Chicago: Irwin Publishing
- [36] von Graevenitz, G., Harhoff, D., & Weber, R. (2010). The effects of entrepreneurship education. *Journal of Economic Behavior and Organization*, 76(1), 90–112. <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2010.02.015>
- [37] Walter, S. G., & Block, J. H. (2016). Outcomes of entrepreneurship education: An institutional perspective. *Journal of Business Venturing*, 31(2), 216–233. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2015.10.003>
- [38] World Economic Forum. (2009). Educating the next wave of entrepreneurs: Unlocking entrepreneurial capabilities to meet the global challenges of the 21 st Century. World Economic Forum: A Report of the Global Education Initiative, (April), 184. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1396704>
- [39] Zhang, Y., Duysters, G., & Cloudt, M. (2014). The role of entrepreneurship education as a predictor of university students' entrepreneurial intention. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 10(3), 623–641. <https://doi.org/10.1007/s11365-012-0246-z>